



CONSTELAÇÕES URBANAS: NOTURNOS INDÍCIOS DE TERRITORIALIDADE PARA COLEÇÃO DE JOIAS

Urban Constellations: Night Signs of Territoriality in Development of Jewels Collection

Silva, Leila Gina Da Cruz; Mestre; doutoranda no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Bahia, leiladacruz@gmail.com¹
Factum, Ana Beatriz Simon; Doutora; Universidade Federal da Bahia e Universidade do Estado da Bahia, biasimon@gmail.com²
Souza, Paulo Fernando de Almeida; Doutor; Universidade Federal da Bahia, paulosouza@ufba.br³

Resumo: O presente estudo investiga a configuração resultante da iluminação artificial na vista superior das cidades, transpondo a referência para uma coleção de joias representativas de territorialidade. A metodologia trilhada conjuga concepções de design e processos artísticos na busca pela reflexão acerca do sentido da forma, introduzindo o *modus operandi* da arte no processo de projetar joias.

Palavras chave: Constelações; Territorialidade; Cidade; Joia; Pertencimento e Espelhamento.

Abstract: This paper is aimed in investigating the resulting configuration of artificial lighting in the top view of the cities transposing the reference to a collection of jewels representative of territoriality. The methodological path traced together design conceptions of artistic processes in search for reflection on the sense of form, introducing the *modus operandi* of art in the process of designing jewels.

Keywords: Constellations; Territoriality; City; Jewelry; Belonging and Mirroring.

¹ Leila Da Cruz é designer e artista visual soteropolitana, mestra em Artes Visuais e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia. É bolsista FAPESB e atualmente está em estágio de doutorado sanduíche na Université Paris 8 através de programa da Capes.

² Arquiteta, Designer e Professora. Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela USP. Estágio Pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em Desenho, Cultura e Interatividade - UEFS. É professora no curso de Design da UNEB e no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais - UFBA.

³ Paulo Souza é designer e Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela USP. É professor da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, onde se dedica ao ensino de design. Seus principais interesses de investigação estão voltados para o Design para Inovação Social.



Introdução

Este artigo apresenta os resultados obtidos na investigação de mestrado desenvolvida junto ao Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal (PPGAV-UFBA) sob o título “Constelações Urbanas: Territorialidade Iluminada em Noturnos Índícios de Ocupação Espacial”⁴, a cartografia das luzes da cidade vem referenciar a realização de uma – inicialmente sucinta – série de joias de arte.

Interessou a essa investigação a análise da configuração resultante de imagens noturnas de satélite de capitais brasileiras como referenciação para concepção de coleção de joias artísticas, abordando a cidade e a relação de ocupação territorial dedutível da iluminação artificial como elemento indicador de como se dá a distribuição da população e suas atividades no solo urbano e, portanto, demarcatório e delimitador da ocupação do espaço na composição das cidades por seus atores sociais.

Por ser de caráter teórico-prático este estudo opta pela metodologia de pesquisa qualitativa e traduz seus resultados na execução dos modelos tridimensionais da coleção. Interessa-se pela coleta e análise de dados históricos, sociológicos e antropológicos para reconhecimento e fundamentação de conceitos que instituem a semântica da coleção de joias concebida, e recorre a metodologias de design, especialmente às especificadas pelo inglês Mike Baxter (2000), pelo designer e sociólogo alemão Bernd Löbach (2001) e corroboradas pelo teórico de design alemão Bernhard E. Bürdek (2006), para obtenção de direcionamento projetual e processual da coleção de joias. Processos artísticos são correlacionados aos do design para exploração do conceito.

Este artigo está organizado a partir desta introdução, composto pelos itens: Joia: Valor e Rede de Significados; Joalheria de Autor e Joalheria de

⁴ A íntegra desta dissertação está disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/25793>



Arte; Coleção Constelações Urbanas: Proposta Formal do Conceito Através da Joia e finalizado pelas considerações finais.

Joia: Valor e Rede de Significados

O valor da joia, sua rede de significados enquanto objeto, seu papel na contemporaneidade e as possíveis reconfigurações da potencialização de seu valor atual formam as bases da presente reflexão, pontuando contribuições visto serem essas questões envoltórias do objeto de pesquisa, compreendendo esse envolvimento como fluido e não como invólucro aprisionante.

As significações se constituem ao longo da história relevante aspecto no planejamento, criação, produção e uso da joia. O objeto impregnado de sentidos desde a sua concepção segue incorporando atribuições na vivência de seu usuário e sua portabilidade sobre o corpo propicia resultantes mútuas da interação com esse corpo e com os lugares onde é sobre ele levado. O corpo transporta a joia a recortes espaciais e faz da territorialidade um agente da sua narrativa. Através do emprego do determinado recorte do elemento iluminação urbana artificial noturna e exploração desse fator dentre as inesgotáveis significações das cidades pretendeu-se a caracterização conceitual da coleção Constelações Urbanas.

Nessa acepção, a relação de uso da joia resultante da coleção exprime noções de pertencimento e afirmação do indivíduo usuário como personagem dessa narrativa e composição do desenho luminescente da cidade ou sua busca de inserir-se nela, quer seja real ou simbolicamente, posicionando-se como representante e partícipe do arranjo luminoso artificial urbano.

A pesquisadora Irina Aragão Santos (2006, p.6), desenvolvendo ideias de Arjun Appadurai, afirma que 'o objeto é um suporte material do relacionamento social' e nessa distinção temos a joia como base objetual para a codificação de sentidos relativos ao espaço urbano, suas relações,



pertencimento, deslocamentos, interações, intervenções, apropriações e possibilidade de portabilidade corporal de um aspecto sógnico representativo da cidade, nesse caso, suas emissões luminosas artificiais noturnas como cartografia de sua ocupação espacial consequente de suas relações sociais, políticas, econômicas e culturais.

Como postula Carles Codina (2000, p.8), 'cada jóia é um fragmento, uma pequena crônica da grande história da humanidade'. Por meio desses objetos, duráveis em sua maioria, parte das informações culturais dos povos pôde ser preservada e transmitida a gerações que foram sucedendo-se. Codina (2000, p.12) afirma ainda que 'o progresso das civilizações está intimamente ligado ao progresso da sua metalurgia', isso porque a técnica metalúrgica possibilitou não só a produção de adornos, mas de utensílios e equipamentos que garantiram a sobrevivência, preservação e expansão dessas civilizações. A metalurgia contribuiu para o estabelecimento e permanência dos povos em seus territórios, posto que, para Mançano (2005 apud LEOPOLDO e MORAIS, 2010, p.2), 'o espaço é perene e o território é intermitente'.

Nesse processo, construiu-se um sistema de práticas e técnicas joalheiras que, aliadas a noções de estilo vigentes, foram sendo legitimadas como concernentes à boa caracterização da joia. Como itens considerados nessa boa caracterização e consequente aspecto de atribuição de valor estão os metais – sua lei, sua liga – em que a joia é produzida; as gemas e diamantes – sua pureza de formação e seu quilate – com os quais são cravejadas; o tipo de cravação empregado, o apuro técnico com o qual essa cravação é executada; a relação peça e peso, aliados à forma e ao estilo da peça. Tudo isso não necessariamente resultante de projeto de design, mas de aplicação de práticas da cultura joalheira que foi sendo instituída ao longo de sua história.



Com isso, predefinições foram se estabelecendo convencionalmente como atributos característicos da joia, distinguindo-a inclusive de bijuterias e outros objetos de ornamento do corpo, formando um imaginário típico ou senso comum do que designaria o termo joia. A essa concepção chamamos de joalheria tradicional.

Conforme Codina (2000, p.12), 'em virtude da sua cor amarela e da sua durabilidade, o ouro terá sido utilizado em quase todas as culturas'. Ao que complementa Gola (2008, p.29), 'o trabalho em ouro, pela maleabilidade e resistência desse metal, talvez tenha sido a primeira das formas de trabalho em metal de que se tem conhecimento'. É inegável a relevância do ouro em sua versão amarela na formação dos arquétipos da joia, inclusive no seu conceito de durabilidade relacionado à eternidade. No entanto a joalheria se desenvolveu e acompanhou as transformações do pensamento humano de tal modo que tornou-se altamente questionável a eleição exclusiva de um material para legitimar a classificação de joia de um objeto, haja vista a joalheria contemporânea utilizar diversos materiais, inclusive os não convencionalmente associados ao caráter de nobreza como, por exemplo, as joias de Gilbert Albert, que engastam insetos compondo o conjunto de gemas das peças (GOLA, 2008, p.114 e 115).

Em conformidade com o exposto, afirma Codina (2000, p.6), 'a joalheria já não se define, como antigamente, pelo tipo de metal com o qual se trabalha'. Está antes de tudo ligada ao valor atribuído ao objeto pela história que ele conta, pelas subjetividades que comporta e pela relação, inclusive de estima e valor afetivo, criada com o usuário.

Sobre a confrontação entre ideias tradicionais e contemporâneas de joias, a pesquisadora Ana Paula de Campos (2011) pondera e atualiza:

Atualmente, a definição clássica de joia como ornamento confeccionado em materiais preciosos parece contemplar apenas uma parte da produção joalheira que, a partir das transformações



postas em andamento desde meados do século passado, ampliou a tipologia e a extensão de seus parâmetros conceituais. Tal expansão trouxe consigo novas formas de ornamento, novas possibilidades de uso de materiais e novos propósitos, ratificando o papel da joia enquanto meio de expressão das dinâmicas sociais e individuais elaboradas por aqueles que as criam, possuem e usam. (CAMPOS, 2011, p.1)

Portanto a joalheria em nossos dias prescinde de fronteiras e enquadramentos com métodos, processos e visualidade ou conceitos tradicionais para sua validação, e de modo diametralmente oposto permite a incorporação de infindável diversidade material, formal e estilística e tem na dinamização, subversão, redesenho de formas e na reflexão conceitual seu principal valor.

Joalheria de Autor e Joalheria de Arte

Para além da noção de uso convencional da joia, mesmo das peças mais arrojadas ou contemporâneas, está a joalheria de arte na qual a joia é uma linguagem para objetificação de conceitos. Para essa joia em que interessam, primordialmente, a plástica e o conceitual, a ergonomia e a usabilidade não são atribuições prioritárias, por vezes ao menos ponderadas, outras, propositadamente contrariadas. Sobre a joia como objeto na arte a pesquisadora Ana Paula de Campos (2011) considera:

Já na arte a questão que será considerada como elemento de diferenciação é a própria intenção de criar um objeto relacionado ao corpo, sob o território da joalheria, mas que não tem o compromisso com as funções atribuídas à joia, podendo ou não considerá-las dentro da poética que quer construir. (CAMPOS, 2011, p.6)

Sobre a relação entre a joalheria e a arte, a joalheira Cathrine Clarke comenta:

Joalheria contemporânea provém da arte e do ofício tradicional e das variantes conceituais de vanguarda, delimitadas na realização das peças, na qual novas formas de expor pensamentos inventivos são experimentadas. Faz-se necessário hoje criar para os adornos-jóias,



através da arte, símbolos originais com os quais se possa ter uma identificação mais real e humana. (CLARKE, S/D)⁵

Outra definição importante é a de joalheria de autor, para a qual Cathrine Clarke nos traz:

Joalheria de autor é composta por peças feitas à mão pelo próprio mentor, mas nem sempre oriunda de projetos. Muitas vezes, as jóias são determinadas por ensaios ou fatalidades que venham a ocorrer durante a execução. Na joalheria industrial, o designer de jóias, usando a computação ou assistindo o modelador, produz protótipos para a seriação das peças, manualmente acabadas. (CLARKE, S/D)⁶

Tratando também acerca da joia de autor a pesquisadora portuguesa Ana Filipa Reis Gomes (2009) comenta:

A jóia de autor aproxima-se do estatuto de obra de arte, como criação singular ou veículo de um certo estilo expressivo que o público reconhece. Divergindo da jóia tradicional, afirma-se como anti-jóia, o passo à frente do convencional, uma escultura portátil. (GOMES, 2009, p.48 e 49)

Essa atribuição de escultura portátil norteia a conformação da coleção que se propõe. Para especificar a concentração da coleção Constelações Urbanas pode-se dizer que seu tratamento conceitual, processos de criação e execução estejam mais aproximados das definições de joalheria de arte. A execução, de fato, é da própria autora e a concepção de seus objetos não tem como prioridade a geração de jóias com fins de uso convencional, mas a reflexão acerca dos conceitos na relação que se estabelece entre a sua joia e o corpo como suporte.

Coleção Constelações Urbanas: Proposta Formal do Conceito Através da Joia

Uma constatação se fez em voo noturno de Salvador a Fortaleza, capital do Ceará, no ano de 2007 quando pôde-se observar – na primeira

⁵ Artigo A Joalheria Artística, disponível em <http://www.joiabr.com.br/artigos/katec.html> Acesso em 29/08/2015.
Artigo A Joalheria Artística, disponível em <http://www.joiabr.com.br/artigos/katec.html> Acesso em 29/08/2015.

viagem aérea da autora – o visual das formações dos conglomerados luminosos resultantes das cidades que sobrevoava e foi imediata a correlação de tais vistas com a constituição característica tradicional das joias que ocupam o imaginário coletivo: diamantes e gemas coradas cravejadas sobre uma superfície e nela reluzindo. A evidente presença humana naqueles espaços e sua concentração territorial percebida através das luzes ensejaram outra analogia: os habitantes dos municípios e suas construções *cravam* a terra com sua presença. Constata-se nas figuras 1 e 2 em que temos respectivamente imagens do aglomerado de estrelas *Messier 30* (NGC 7099) registrado pelo telescópio espacial *Hubble* e da noite de ilhas britânicas, Paris e seu entorno capturada via satélite ISS – *International Space Station* – ambas da NASA:

Figuras 1 e 2 - *Messier 30* (NGC 7099) registrado pelo telescópio espacial *Hubble*, NASA e Ilhas britânicas, Paris e seu entorno capturada via satélite ISS (International Space Station) também da NASA



Fonte: Disponível em <http://www.constellation-guide.com/constellation-list/capricornus-constellation/messier-30-ngc-7099/>. Acesso em 10/02/2015 e Disponível em http://eoimages.gsfc.nasa.gov/images/imagerecords/78000/78674/london_lights_2012087_lrg.jpg. Acesso em 17/07/2014.

Dentre as questões em discussão estiveram a definição de metal ou material de base a ser utilizado; tipos de gemas; tamanhos; lapidações; grau de correlação entre cores das gemas e aparência cromática das luzes de cada localidade representada (visto a possibilidade dessa condição variar dentro de



uma mesma cidade) buscando-se para tal, conformidade com a atmosfera da cidade referencial; delimitação de forma associada ou não aos limites da geografia física da cidade; distribuição de peso na peça, sobretudo nos casos de colares e pendentes; decisões a respeito de escala das peças; fatores relacionados à execução e custos de produção.

Tomou-se a decisão de desvincular os materiais e técnicas das peças da coleção dos da joalheria convencional. Adotou-se também a pretensão de organicidade completa das peças. Dentre as cidades representadas na primeira elaboração constaram Salvador; Recife; Belo Horizonte; Rio de Janeiro e São Paulo.

As imagens de satélite disponibilizadas pela NASA ao grande público, via internet, foram utilizadas como referencial e eram sobrepostas por mapas políticos correspondentes, impressos em papel vegetal para que se verificasse a relação de posicionamento entre a imagem e as delimitações geográficas. Deste modo confirmou-se a imprecisão dos limites das cidades através da cartografia de suas luzes, dentro do padrão de qualidade de imagem disponibilizado.

Foi utilizada uma massa composta de pigmento preto e adesivo PVA como matéria de caracterização objetual do território, e as reproduções de gemas coradas de polímeros diversos e zircônias, pasta metálica e pó metálico como materiais responsáveis – conjuntamente com os artifícios de cravação e engaste – pela representação da malha luminosa artificial noturna nesses territórios citadinos, como se apresenta na Figura 3:

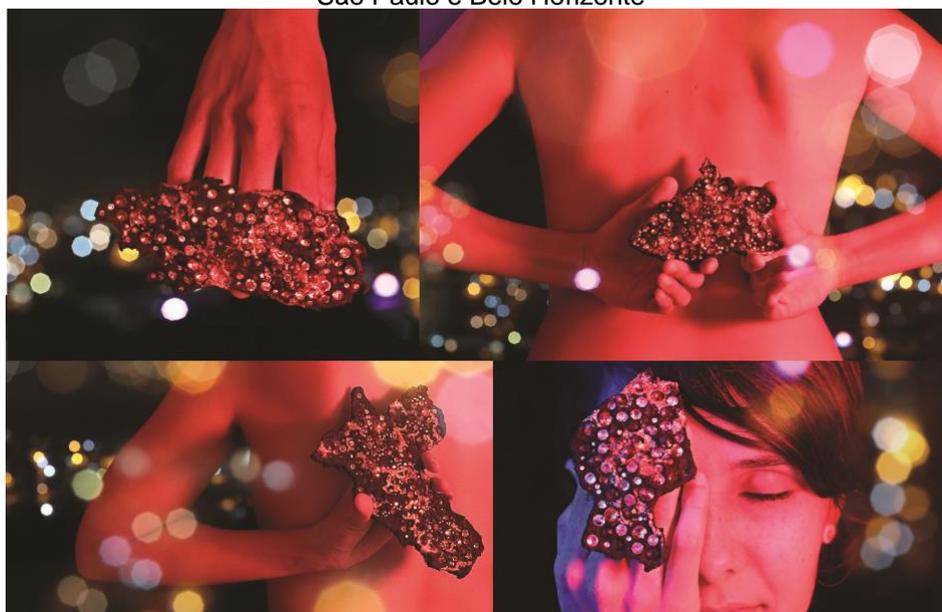
Figura 3 – Anéis duplo e simples da Coleção Constelações Urbanas



Fonte: Fotografias por Davi Caramelo (2015)

O gestual da produção manual e sua permanência na aparência das peças foi uma estética que buscou-se deixar presente tanto pelo visual orgânico que remete à terra quanto pela reflexão advinda da própria ideia do indivíduo interferindo no espaço geográfico. Algumas peças da coleção Constelações Urbanas podem ser vistas na Figura 4:

Figura 4 – Peças da Coleção Constelações Urbanas, representando Rio de Janeiro; Salvador; São Paulo e Belo Horizonte



Fonte: Fotografias por Davi Caramelo – Modelo Maria Eme Bê (2015)



Adota-se o entendimento de que as questões que perpassam a ocupação do espaço como morada e lugar de vivência humana têm como uma de suas possíveis representações o distintivo desenho resultante da luz artificial que ilumina a urbe. Tal iluminação assume o papel descritivo da cidade quando vista de cima à noite e constitui-se uma narrativa, tanto da atuação presente dos seus agentes sociais quanto do percurso histórico que ocasionou tal organização das luzes na cidade.

Segundo Gola (2008, p.30), após a invenção da escrita, quando se inicia a história, o ser humano passa a relacionar cores das estrelas com cores das pedras. Esse tipo de associação pareceu desejável a esse projeto, adequando-se a correlação das cores das gemas às das fontes luminosas e atmosferas produzidas pelas mesmas nas capitais escolhidas.

Grunow (2006, p.37) afirma que “pode-se pensar que a cravação de uma joia é tarefa tradicionalmente vinculada a ideia de ordem, de desenho ordenado. Deriva-se de tal raciocínio a criação de pavês, ou seja, de superfícies pavimentadas com pedras”. Pelo exposto é possível encontrar outra relação direta entre a joia e a *urbe*: o conceito de pavimentação de suas pedras engastadas e dos paralelepípedos do estrado das primeiras ruas – ainda presente em muitas cidades brasileiras, inclusive capitais – que originaram o termo. Tal análise evoca a memória da canção popular em que o eu literário anela ladrilhar a rua com *pedrinhas de brilhante*. No entanto a configuração aparente que parece prevalecer da vista superior noturna das metrópoles indicou a consideração da orientação de Crowe como adequada ao projeto:

A disposição dos agrupamentos de pedras afetará a energia do design; uma cobertura em massa, uniforme, será espetacular, mas também estática, enquanto que algumas pedras cuidadosamente dispostas criarão tensão na peça. Mesclar materiais gemológicos permite ao designer utilizar ao mesmo tempo distintos brilhos, texturas, cores e qualidades de luz. (CROWE, 2007, p.152, tradução nossa)



A coleção Constelações Urbanas permite, portanto, a reflexão sobre a experiência de ver a cidade de longe e de fora (CERTEAU, 1998) enquanto se está na cidade de perto e de dentro, ao portar sobre o corpo suas peças. Confirmar pertença quando inserido ou alijado do território por ela representado. Espelhar as estrelas, estando abaixo delas. Ver as cidades iluminadas da perspectiva de que sejam como joias cravejadas na terra, cintilando como joia intermitente que se apaga e refaz a cada nova noite. Alternar as proporções do humano, que enquanto corporeamente está na cidade – sob as estrelas – concomitantemente pode portá-las.

Considerações Finais

A legitimidade da territorialidade como elemento de suma importância para as pessoas na atualidade, quando manifesta de natureza fluida e transitória nas suas múltiplas possibilidades de passagem e ocupação, ou quando de inserção perene quando se elege local de permanência e decurso da vida, se apresenta como abastado lastro conceitual sobre o qual progrediram-se investigações que conotaram sentido para produção de coleção de joias que pretendeu contribuir para a corroboração da ideia do objeto joia como elemento de atribuição de valor e porte de significações.

A concepção das peças correlacionou conhecimentos e experimentos de ambas áreas do conhecimento sem o intento de distinguir-se ou determinar quando fazia-se uso de acepções e métodos de um ou de outro campo, mas reconhecendo nas duas atividades-fim – a arte e o design – fontes de eleição de medidas para tratamento do objeto joia que pudesse ser concebido imantando o conceitual pretendido. Em termos metodológicos buscou-se a implementação de métodos que integrassem procedimentos das duas práticas, incorporando processos artísticos a metodologias de design. Conceito artístico e de design seguem em variadas situações habitando terrenos superpostos



sobre um mesmo território. Pode haver sempre uma nova cidade a ser visitada no âmbito do perceber, do pensar e do fazer.

Referências

CAMPOS, Ana Paula. **A Joalheria Contemporânea e as Fronteiras da Arte e do Design**. In: Enseñanza del Diseño – II Congresso Latino Americano, 2011. Buenos Aires. Actas de Diseño 11. Buenos Aires. Universidad de Palermo, 2011.

CLARKE, Cathrine. **A Joalheria Artística**. Disponível em: <http://www.joiabr.com.br/artigos/katec.html> Acesso em: 29/08/2015

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CODINA, Carles. **A Joalheria. A Técnica e a Arte da Joalheria Explicadas com Rigor e Clareza**. Lisboa: Editorial Estampa, 2000.

CROWE, Judith. **Guía Ilustrada de Piedras Preciosas. Una Completa Guía de Referencia para el Uso e Valoración de las Piedras Preciosas, de la Talla y Color a la Forma y Engaste**. Barcelona, 2007.

GOLA, Eliana. **A Joia: História e Design**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

GOMES, Ana Filipa Reis. **O Design do Adorno Contemporâneo: Da Tradição à Inovação**. [Dissertação de Mestrado] Universidade de Aveiro, 2009.

GRUNOW, Evelise. **Antonio Bernardo**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2006.

LEOPOLDO, Dayana Francisco; MORAIS, Vitor de Castro. **Território e Territorialidade: Estudo de Caso na Comunidade Quilombola de São Pedro de Cima**. Disponível em: <http://www.uff.br/vsinga/eixo14edp.htm> Acesso em: 23/10/2012.

SANTOS, Irina A. **Do Franciscano ao Hollywoodiano**. In: Anais do 7 Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. Curitiba, 2006.